

## **Casos de suicídio levam escolas de SP a se mobilizar**

As taxas de suicídio entre crianças e adolescentes têm crescido desde 2000. Elas aumentam ainda mais depressa que no conjunto da população. Casos recentes envolvendo estudantes levaram à mobilização de escolas em SP. **cotidiano B5**



# Suicídio entre adolescentes avança, e casos recentes mobilizam escolas

Registros entre menores subiram acima da média desde 2000; especialistas pedem envolvimento de colégios

Marina Estarque

SÃO PAULO As taxas de suicídio de crianças e adolescentes no Brasil têm aumentado nas últimas décadas, e casos recentes envolvendo estudantes de São Paulo levaram à mobilização de colégios particulares para tratar do problema.

Entre 2000 e 2015, os suicídios aumentaram 65% entre pessoas com idade entre 10 e 14 anos e 45% de 15 a 19 anos — mais do que a alta de 40% na média da população.

O levantamento do sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, com base em dados do Ministério da Saúde, aponta que as taxas nesses grupos (de 0,8 e 4,2 por cem mil habitantes, respectivamente) estão abaixo do índice geral (5,5). Mas sua evolução preocupa.

Nas últimas duas semanas, três estudantes de colégios privados de elite da capital paulista se suicidaram — dois eram do Bandeirantes e um do Agostiniano São José. Boatos sobre jogos e aplicativos circularam nas redes sociais, para nervosismo dos pais.

O Bandeirantes afirma que os dois casos envolvendo o aluno do colégio não estavam ligados entre si e nega qualquer relação com jogos ou aplicativos. O Colégio Agostiniano São José disse que “refuta os comentários indevidos divulgados pelas mídias sociais e que em nada ascendem à realidade do fato em si”.

O episódio levou as escolas a realizar atividades com alunos e pais para dar orientações sobre esse tema.

O Bandeirantes, que estava em período de provas, decidiu suspender alguns dias de avaliação. Em seguida, reuniu os estudantes para conversas.

“Os alunos puderam colocar seus sentimentos, conversar sobre luto e perda. Eles precisavam ser acolhidos”, afirma Estela Zanini, coordenadora do colégio, que também convocou uma especialista em suicídio para preparar a equipe de professores e dar palestras para pais e estudantes.

Mesmo em escolas onde não houve casos recentes, as mortes das últimas semanas impactaram a rotina. No Madre Alix, os professores realizaram rodas de conversa propostas pelos estudantes — alguns eram colegas dos que se suicidaram no Bandeirantes.

“Acho que toda escola está se repensando neste momento”, afirma Katia Chedid, diretora do Madre Alix, que tem um projeto que trabalha com valores sociais e emocionais.

Estudiosos mencionam questões sobre sexualidade, dificuldade de lidar com frustrações, bullying, pressão pela escolha carreira e por um bom desempenho escolar como conflitos que surgem nesta idade e podem funcionar como agravantes. Além disso, as redes sociais, em muitos ca-

sos, podem passar a impressão de que todos estão felizes e, assim, contribuir para aumentar a angústia dos jovens.

“A adolescência já é um período conturbado e, atualmente, eles sofrem muita pressão da sociedade e das famílias. Principalmente na elite paulistana, o jovem é cobrado para ter um alto desempenho, passar em uma faculdade excelente, ter uma carreira de sucesso, estudar fora. E pode ser que ele não queira isso”, afirma a psicóloga Karen Scavacini, cofundadora do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio.

Na sua opinião, as escolas têm um papel fundamental, assim como as famílias, em identificar e ajudar jovens nestas situações. No entanto, de acordo com ela, a maioria dos colégios não tem planos de prevenção. “Eles atuam mais de forma reativa, quando um caso já ocorreu”, diz.

A doutora em psicologia Luciene Tognetta, pesquisadora de grupo de estudos da Unicamp e da Unesp, também defende ação mais ativa das escolas. Para ela, é imprescindível incluir mais disciplinas e atividades que desenvolvam habilidades socioemocionais.

“Os currículos ocidentais sempre desprezaram isso e focaram na memorização do conteúdo, mas isso não basta para viver em sociedade.”

Segundo especialistas, os adolescentes também estão mais vulneráveis ao suicídio porque, entre outros fatores, tendem a ser mais imediatistas e impulsivos. “O cérebro do adolescente ainda não está plenamente maduro. O sistema de freios e contrapesos precisa ser formado, em uma gestão social e cultural”, explica Neury Botega, psiquiatra e professor da Unicamp.

O psiquiatra José Manoel Bertolote, da Unesp, diz que a alta recente de suicídios foi verificada mais entre homens.

“Não temos explicação cabal para esse fenômeno, mas, como um dos fatores frequentemente associados ao suicídio é a presença de um transtorno mental (particularmente depressão, alcoolismo e esquizofrenia), acredita-se que a desatenção à saúde mental e a dificuldade para se obter um pronto atendimento estão na raiz do problema”, afirma.

O CVV (Centro de Valorização da Vida), que presta atendimento de prevenção do suicídio, notou um aumento na demanda de jovens em seus canais de comunicação.

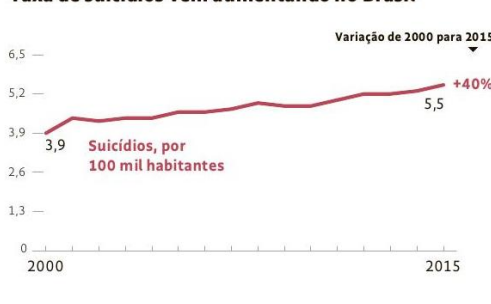
Carlos Correia, porta-voz do CVV, cita como hipóteses a ampliação do acesso ao serviço por celular e pela internet, além da influência do tema tratado em série televisiva.

O centro teve aumento de demanda em geral: passou da média de 1 milhão de atendimentos ao ano para 2 milhões em 2017. Prevê chegar a 2,5 milhões em 2018 — para isso, precisa de mais voluntários.

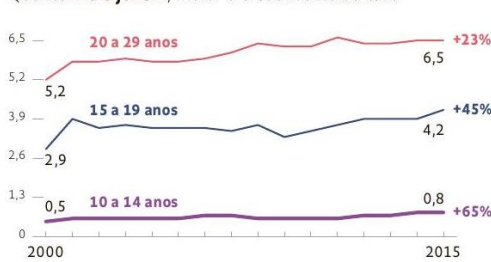


Voluntária atende no CVV; procura de jovens por serviço cresceu Marlene Bergamo/Folhapress

## Taxa de suicídios vem aumentando no Brasil



Quanto mais jovem, maior o crescimento da taxa



Fonte: Datasus/Ministério da Saúde

## Trilhas na internet guardam riscos aos corações mais frágeis

### DEPOIMENTO

Marcella Franco

SÃO PAULO - Fora dos domínios obscuros da “Deep Web”, submundo da internet onde se desenrolam livremente os fóruns sobre assuntos grotescos, vídeos criminosos e outras barbaridades, há, também, na “Surface Web” (aquela porção legalizada que você acessa diariamente), algumas trilhas mal iluminadas nas quais é preciso cautela.

Sem qualquer transgressão aparente, essas estradas guardam riscos potenciais aos corações mais frágeis. São, por exemplo, comunidades no Facebook erguidas com o pretexto apenas de alimentar a

morbidez humana divulgando perfis de pessoas que já morreram, mas que, na prática, resultam em verdadeiros catalisadores de pensamentos obsessivos e, frequentemente, ideias suicidas prévias.

Eu faço parte de uma destas comunidades. E lá, entre as frequentes mortes acidentais no trânsito, eletrocussões e afogamentos aos quais todos nós já parecíamos anestesiados, sempre houve um ou outro registro incômodo de suicídio no feed.

No entanto, há menos de um ano casos de pessoas que dão cabo da própria vida passaram a dominar esta macabra linha do tempo, acessível às quase 75 mil pessoas inscritas.

E, mais que o aumento, nota-se uma interação cada vez maior com este tipo de publicação. Afora o trivial DEP (“Descanse em paz”), parte ha-

bitual do vocabulário local, vê-se todos os dias mais comentários invejando a suposta “coragem” dos suicidas, bem como avisos de “Quem sabe um dia eu também consigo”. Como mãe, posso dizer que há poucas coisas mais aterrorizantes do que imaginar a morte de um filho, ainda mais quando ela é evitável. Porque é esta a característica menos debatida e, de maneira proporcionalmente inversa, a mais necessária de se falar sobre quando o assunto é suicídio: a chance que talvez tenhamos de impedi-lo.

De tão delicado que é o tema, a ONU oferece capacitação para jornalistas escreverem de maneira responsável e evitar o chamado “efeito contágio”. O Unicef, por sua vez, lançou no final de 2017 um robô interativo com um único propósito: simular no Facebook as últimas 48 horas de uma garota que cogita acabar com sua vida. No projeto, cabia ao usuário tentar mudar o destino da jovem.

Vejo diariamente mães no WhatsApp divulgando, aprovadas, eventos sinistros em colégios vizinhos. Ensinam umas às outras modos de bloquear aplicativos — um dos mais recentes, o Simsimi, foi proibido esta semana no Brasil — nos celulares de crianças que, cada vez mais novas, são lançadas à terra de ninguém do mundo virtual.

Será que o caminho é proibir o acesso? Denunciar mensagens? E, juro, estas não são perguntas retóricas. Quem sabe devamos começar pela empatia, especialmente no cruel tribunal da internet onde correm soltos o bullying e o julgamento precipitado — não sei.

Embora acredite, particularmente, que o caminho possa estar na informação acessível, e no amor firme e vigilante aos filhos, sigo, como todos, em choque. Oxalá o grande debate não demore, para que nunca mais vejamos pais enterrando seus filhos em circunstâncias assim.

## Como prevenir o suicídio

### Sinais de alerta gerais

- Falar sobre querer morrer, não ter propósito, ser um peso para os outros ou estar se sentindo preso ou sob dor insuportável
- Procurar formas de se matar
- Usar mais álcool ou drogas
- Agir de modo ansioso, agitado ou irresponsável
- Dormir muito ou pouco
- Se sentir isolado
- Demonstrar raiva ou falar sobre vingança
- Ter alterações de humor extremas

### Para depressão em adolescentes

- Mudanças marcantes na personalidade ou nos hábitos
- Piora do desempenho na escola ou outras atividades
- Afastamento da família e de amigos
- Perda de interesse em atividades de que gostava
- Descuido com a aparência
- Perda ou ganho de peso
- Comentários autodepressivos persistentes
- Pessimismo em relação ao futuro, desesperança
- Comentários sobre morte, sobre pessoas falecidas e interesse por essa temática
- Doação de pertences que valorizava

### Alguns mitos sobre suicídio

“Se eu perguntar sobre suicídio, poderei induzir uma pessoa a isso”

Questionar de modo sensato e franco fortalece o vínculo com a pessoa, que se sente acolhida e respeitada

“Quem quer se matar se mata mesmo”

As pessoas que pensam em suicídio frequentemente estão ambivalentes entre viver ou morrer. Prevenção é impedir os casos que são evitáveis

### O que fazer

- Não deixe a pessoa sozinha
- Tire de perto armas de fogo, álcool, drogas ou objetos cortantes
- Leve a pessoa para uma assistência especializada
- Ligue para canais de ajuda

## 188 ou 141

são os telefones do Centro de Valorização da Vida (CVV). Também é possível receber apoio emocional via internet (www.cvv.org.br), email, chat e Skype 24 horas por dia

## 90%

das pessoas que se suicidam possuíam transtornos mentais; elas poderiam ter sido tratadas